

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: 22

Data: 16.07.69

Pg.: _____

Gripe matou em dois meses mais de 20 índios nas aldeias dos beijos-de-pau

Uma epidemia de gripe matou, nos últimos dois meses, cerca de duas dezenas de índios beijos-de-pau, mas já foi debelada, segundo revelou ontem o sertanista João Américo Peret.

O sertanista, responsável pela pacificação dos índios daquela tribo que vive a 600 quilômetros de Cuiabá, contou que numa de suas visitas a uma aldeia encontrou em meio à floresta cadáveres de índios atacados pela gripe e crianças mamando no seio de suas mães mortas.

DOENÇA DE CIVILIZAÇÃO

O Sr. João Américo Peret disse que os índios mortos pela epidemia haviam fugido de sua aldeia situada a cerca de 40 quilômetros do acampamento da expedição da Funai, numa última tentativa de se livrarem da moléstia.

— Acontece que eles já estavam com o vírus da gripe. Enfraquecidos pela febre, transformaram seus arcos em caxado, desamarrando a corda que liga uma extremidade à outra da arma, pois já não tinham forças para andar só com a ajuda dos pés. Eu chorei quando vi estas cenas. E o que mais me chocou foi ver crianças sobreviventes mamando no seio de mães mortas.

Os índios pegaram gripe nos seus contactos com os civilizados. Eles desconheciam a existência dessa doença e em seus organismos não há anticorpos que os defendam do simples resfriado ou de uma gripe mais séria.

Antes da visita do sertanista Peret às aldeias, três índios atacados pela gripe haviam morrido no acampamento da Funai. Este órgão foi prontamente informado do fato através de comunicação radiofônica, mas a gravidade da epidemia só chegou ao conhecimento dos civilizados quando o sertanista entrou em contacto mais franco com os índios, que lhe permitiram andar por suas terras e ir até as suas malocas.

MORTOS CONHECIDOS

Muitos dos índios que frequentavam o acampamento da Funai foram encontrados pelo Sr. João Américo Peret mortos na floresta. Entre eles os apelidados de Belção, Bom Pai, as mulheres e os filhos dos dois, e Scarface. Todos já estavam muito amigos dos brancos e pertenciam à maior das cinco aldeias visitadas pelo sertanista.

Alguns outros tratados imediatamente da gripe no próprio acampamento, conseguiram se salvar. Os medicamentos, antibióticos e remédios contra a febre e a tosse, foram aplicados em massa nos índios sobreviventes e a epidemia foi debelada. Mas o perigo não desapareceu: além da gripe, ainda uma ameaça, são também fatais para os índios a tuberculose e as demais doenças infeccio-contagiosas que atacam o homem civilizado, pois faltam no organismo dos índios anticorpos que impeçam o avanço mortal dessa moléstia.

DOENÇA DE INDIO

O sertanista Peret explicou que os índios adoecem comumente dos dentes e dos intestinos. De cárie dentária, por falta de alguns alimentos necessários à saúde bucal e de desintéria porque ingerem muitos alimentos sujos.

— De modo geral, eles são saudáveis quando em estado selvagem, sem nenhum contacto com o homem branco. Mas isso, na maioria dos casos, não é possível, pois o homem civilizado está ocupando a mata virgem e, por isso, tem de haver o contacto. O que podemos fazer é medicá-los, preparando seus organismos para a luta contra as doenças para eles mortais, como o sarampo, a catapora e a varíola, mesmo quando benigna.

Muito atrasados quanto à Medicina, os índios beijos-de-pau — como os demais do grupo linguístico Gô — estão na frente do homem civilizado no que diz respeito aos anticoncepcionais. As mulheres da tribo tomam um chá de uma raiz conhecida pelo nome mo-krã-ken-diô e ficam estéreis por largos períodos. Para concebê-los, tomam o antídoto, também um chá, este de raiz de tairanil.

— Desde os tempos imemoriais — disse o sertanista Peret — que muitas tribos têm dois filhos por cada casal. Assim é com os beijos-de-pau. Nunca vi, entre eles, um casal com muitos filhos.

O CAMINHO DA CONFIANÇA

Em entrevista coletiva que concedeu ontem no escritório da Funai no Rio, o sertanista contou sua primeira visita a uma aldeia dos beijos-de-pau.

— Andei um dia e meio pelo mato, acompanhado por um casal de índios e dois rapazes guerreiros. Antes eu tinha dado a entender que pretendia conhecer suas moradias. O índio mais velho, de cerca de 40 anos, me parecia uma das autoridades da tribo, com poder suficiente para me conduzir até uma das onze malocas que eu vira de avião. E foi o que ele fez.

Para o sertanista entrar na aldeia, teve de desnudar-se inteiramente, deixando no meio do mato até o relógio. Depois foi todo pintado de vermelho. Só assim o receberam na maloca, a cerca de 20 quilômetros do acampamento da Funai. Seus companheiros de viagem — os quatro índios — também haviam se pintado.

— Levaram-me para uma cabana e ali fiquei sob os cuidados de um casal. Os anfitriões cuidaram então de me engradar conforme seus costumes. O homem fingiu que tirava plóchos de minha cabeça e a mulher alisou e esquentou com o seu corpo as minhas pernas, com o fim bem claro de me recuperar da longa e extenuante caminhada. Sentii que a parada estava ganha, os índios já estavam confiando em mim e em todos os civilizados que eu representava.

EXPEDIÇÃO

O sertanista João Américo Peret sairá do Rio na madrugada de segunda-feira para Brasília, onde ultimar os preparativos da missão, que deverá se estender por cerca de três meses. Levará consigo o etnólogo alemão Fritz Dokstorf, radicado no Brasil há 40 anos, tendo já realizado diversas tarefas para o ex-Conselho de Proteção ao Índio da região, e um médico ou enfermeiro, que ainda será escolhido.

De Brasília, os três integrantes seguirão para Cuiabá, de onde partirão por via terrestre até à margem do rio Arinos, depois de recrutarem um motorista para o barco e seis trabalhadores braçais entre os conhecidos da região. De Cuiabá ao rio Arinos são 280 quilômetros, cerca de um dia de viagem.

Em meados da próxima semana, a expedição deverá iniciar sua jornada descendo o rio Arinos para o Norte por mais um dia, até atingir a ilha das Trincheiras, onde será montado o acampamento base.

METODO

João Américo Peret afirmou que toda a operação obedece a um planejamento prévio, em que todos os passos são estudados com cuidado. Explicou que a escolha da ilha das Trincheiras para base, além de sua configuração natural que oferece abrigo contra um eventual ataque, tem também motivação psicológica, pois dali partiram inúmeros ataques de homens brancos contra os beijos-de-pau. Acha o sertanista que será eficaz uma aproximação amistosa partindo do local, pois "os índios verão que estão tratando com outra gente."

Os beijos-de-pau, apesar de seu estado primitivo, não apresentam indícios de serem hostis. Não se conhece caso de massacre ou abritos com essa tribo na região. No entanto ela foi uma das mais cruelmente tratadas pelo branco. Há oito anos atrás alguns índios foram apresentados com açúcar e farinha misturados com arsênico, morrendo em seguida.

Agora os presentes serão outros. A expedição levará consigo ferramentas agrícolas, instrumentos de copa e cozinha, além de adornos e bijuterias, que serão colocados em uma barraca armada na margem do rio, normalmente chamada pólo de atração.

O sertanista explicou que os integrantes da expedição ficarão da ilha observando os índios, até que eles aceitem os presentes e demonstrem disposição de conversarem. Então eles se aproximarão da margem, estabelecendo-se o primeiro contacto.

— Depois disso — afirmou — segue-se um período de namoro. Ficamos vários dias conversando até que eles nos convidem para irmos até a maloca deles. Antes disso não tentaremos penetrar na mata, pois ninguém entra no território dos índios sem ser convidado.

OCASIAO

Segundo o sertanista, a oportunidade é bastante propícia para tentar-se uma aproximação com os beijos-de-pau. Contou ele que em janeiro do ano passado teve um breve encontro com alguns índios, que demonstraram receptividade.

— Eu estava navegando com dois companheiros pelo rio, quando avistamos alguns índios que nos faziam sinais. Desembarcamos e mantivemos um contacto de cerca de duas horas. De repente começou a chover, e eles correram para a mata, provavelmente em direção à maloca. Quando tentamos segui-los, dois índios se postaram em nossa frente como que proibindo nossa penetração. Tivemos então que retroceder para não forçar a situação. Quando voltamos, passamos pelo mesmo local, mas não vimos mais ninguém."

Pelo que pôde observar nas características das orelhas e lábios dos índios, assim como entre os restos do pequeno acampamento à beira do rio, o sertanista acredita que os beijos-de-pau, assim chamados por usarem um anel de madeira nos lábios distendidos, pertencem ao grupo étnico G, juntamente com os das tribos Kalapó, Sulá, Tehu-Kahmác, Krã-ia-Karo e Kuben-Krã-Kem.

Explicou ele que, com o decorrer do tempo, os beijos-de-pau, outrora espalhados por toda a região, foram sendo acunados até se concentrarem em uma pequena extensão do território. Ultimamente tem aparecido em locais habitados pelos homens brancos, causando alguma apreensão entre eles. Porém nenhum atrito foi verificando até agora.

RESERVA

Até cerca de um ano atrás, a região habitada por esses índios estava praticamente deserta, porém agora está sendo invadida por grupos de seringueiros e caçadores, em maior escala, e por garimpeiros, em número mais reduzido. João Américo Peret acha que esta verdadeira corrida para a região deve-se ao fato da Sudão haver prometido financiamento para os desbravadores da região amazônica.

— Mas a Sudão tem um convênio com a Funai, e só dá o financiamento depois de nos ouvir, para saber se o interessado não está invadindo território indígena. De modo que esses seringueiros vão ter que retirar-se.

Explicou que como a região foi transformada em reserva de índios, a Funai determinou a retirada dos intrusos há cerca de dois meses, dando-lhes um prazo de 60 dias, que está se esgotando agora.

APELO A FORÇA

— Se eles oferecerem resistência, a Funai terá que tomar providências, inclusive recorrendo às forças federais, se for necessário.

Depois de angariada a confiança dos beijos-de-pau, o que o sertanista espera conseguir em cerca de três meses, a Funai então enviará um encarregado para dirigir o pólo de assistência que será fundado. Este pólo terá o objetivo de ensinar o índio a se utilizar dos presentes recebidos, assim como uma campanha de vacinação e assistência sanitária contra as doenças do branco, contra as quais o índio não tem a menor resistência.

O custo da expedição será de NCr\$ 20 mil, para a primeira fase, ou seja, a aproximação e contato. Depois disso, quando o pólo entrar em funcionamento, receberá uma verba de NCr\$ 5 mil mensais, para despesas de manutenção.

Tariri e Kairá pedem para voltar em 5 dias

Tariri e Kairá, os dois índios beijos-de-pau que vieram conhecer o Rio, já avisaram por gestos ao sertanista João Américo Peret que querem voltar para a sua tribo nos próximos cinco dias.

Ambos, muito surpresos com tudo o que estão vendo, ficam nervosos quando são cercados por muita gente ou quando obrigados a permanecer em recinto fechado por algum tempo, sem que possam observar as novidades.

A VELHA SAUDADE

Tariri e Kairá ficam tristes de vez em quando. Peret acredita que eles já estão começando a sentir saudade de seu povo. Apesar disso, parecem razoavelmente ambientados na casa do sertanista, que os hospedou. Kairá, o mais novo, com 13 anos mais ou menos, já chegou, inclusive, a brincar com os meninos da vizinhança. Tariri, que deve ter uns 17 anos, demonstra ser muito valioso, pois cuidou de passar brilhantina nos seus cabelos compridos e muito pretos. Para ele tal requinte não é novidade: na sua tribo, usa-se óleo vegetal com o fim de embelozar a cabeleira.

Os índios sentem também muita saudade dos seus companheiros mortos pela gripe. Segundo Peret, eles não gostam de olhar as fotografias dos que já morreram. Daí rejeitarem as revistas com reportagens fotográficas sobre seu povo, onde identificam sempre alguns mortos.

TARDE AGITADA

Tariri e Kairá estiveram na Funai durante a maior parte da tarde de ontem. Quem os levou foi o sertanista Peret, que foi até ali apresentá-los ao Sr. Gama Malcher, o chefe local do órgão. O Sr. Malcher, no entanto, adoeceu e não pôde ir ao trabalho.

Quando o sertanista tratou de levá-los de volta para casa, quase que o trânsito fica interrompido na Avenida Marechal Camara, onde se localiza a seção carioca da Funai. É que o povo queria ver os dois índios. Estes, muito espantados, se agarraram ao sertanista, intimidados e preocupados. Só voltaram a sorrir no momento em que entraram no carro do Ministério do Interior que lhes serve nesse passeio pelo Rio.